

PARECER B

Artigo ID: 24846

Completo em: 2026-05-05 11:26 PM

Recomendação: Correções Obrigatórias

O artigo analisa mulheres gestoras em empresas nomeadas como “rurais” familiares do agronegócio. Se as empresas são rurais há um debate de 3 décadas afirmando que a separação rural urbano perdeu sentido a partir do processo de industrialização da agricultura. Sugiro retirar o termo rural, basta dizer que se trata de agronegócio.

O artigo analisa dados de 124 empresárias, sócias ou herdeiras em posição de gestão a partir de ACM (observando afinidades e divergências entre indivíduos e categorias) e ACH (análise de agrupamento de posições em cluster articulando dimensão econômica e familiar). Os resultados apontam diferenças por fatores geracionais e características da empresa tão bem como diferenças sobre percepções e desafios, desigualdade de gênero, conciliação família/trabalho, conflito geracional. O ponto problemático do artigo é a desigualdade ou assimetria de gênero (pg 15) uma vez que nenhuma literatura de gênero foi citada no artigo. São 4 décadas de estudos de gênero desde a definição de gênero na obra de Joan Scott, Simone de Beauvoir ou autoras que focam atuação das mulheres e mercado de trabalho, inclusive no Brasil: Helena Hirata, Nadya Guimarães, entre outras ou o próprio Bourdieu na obra A dominação masculina. Citar alguma literatura de gênero que situe a problemática do artigo. Igualmente o debate sobre a divisão sexual do trabalho de Daniele Kergoat que define uma separação hierarquizada entre homens na esfera produtiva e mulheres na esfera reprodutiva, onde o trabalho de homens é mais valorizado que o de mulheres; é apenas nessa chave que faz sentido levantar problemáticas como conciliação família trabalho, etc.

O resultado da ACM do primeiro eixo estruturado pelo lado positivo pelo critério idade, acima de 56 anos, fundadora, 3 filhos, região sudeste. Do lado negativo, idade abaixo de 35 anos, solteira, sem filho, tempo inferior a 10 anos, região centro oeste. Aqui é necessário situar o processo de produção agrícola brasileiro em que a região centro oeste é uma região relativamente nova, considerada como fronteira agrícola. Ver trabalho de Beatriz Heredia – Economia e Sociedade do agronegócio : <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/r5ZkZNpbHDqKckcBxrDSxrS/abstract/?lang=pt>

Esse trabalho igualmente problematiza a concepção de agronegócio como campo simbólico.

O segundo eixo da ACM: do lado positivo região Sul, fundadora, ensino médio, 3 filhos, gestão compartilhada com 4 homens, faturamento acima de 80 milhões. Lado negativo: sudeste, café, abaixo de 20 milhões, dificuldade de conciliar família, trabalho, formação na área da saúde. Por fim a análise dos clusters: perfil mulher mais jovem, 35 anos, início carreira, sem filho, solteira, região centro oeste, produção de cereal. Aqui vale a pena mencionar a terceira e quarta onda do feminismo as quais influenciam mulheres mais jovens no sentido do afastamento do casamento, crítica ao patriarcado e com estímulo a construção de carreiras profissionais. Essas decisões não são feitas sem sacrifícios como apontam os trabalhos de Jardim e Caetano sobre sofrimento emocional de mulheres que privilegiam carreira em detrimento da formação de família <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/TBGMzVNjMNXWzT3CmY9kSgw/abstract/?lang=pt>. Esse estudo corrobora os achados apontados.

O artigo traz uma contribuição inovadora ao mobilizar ferramental metodológico de análise quantitativa para abordar um tema ainda pouco estudado no Brasil. Meu parecer é pela aprovação com correções obrigatórias.